



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O ENSINO DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR E OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DE LIBRAS DO CAA/UFPE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autor: Thiago Ramos de Albuquerque (1); Laerte Leonaldo Pereira (2); José Ayron Lira dos Anjos (3).

(1) *Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste. Professor Auxiliar de Libras. E-mail: thiago.albuquerque1@gmail.com*

(2) *Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste. Professor Auxiliar de Libras. E-mail: laerte.leonaldo@gmail.com*

(3) *Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste. Professor Adjunto de Metodologia do Ensino. E-mail: ayronanjos@gmail.com*

Resumo

Este artigo vem discutir a prática docente da disciplina de LIBRAS no ensino superior como um assunto de grande relevância educacional e que precisa ter sua prática refletida e sistematizada. Principalmente, porque já se têm mais de uma década do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais e a regulamentação do ensino de Libras nos cursos de formação de professores e no curso de fonoaudiologia. O presente trabalho tem como objetivo trazer a análise acerca das práticas e estratégias de se trabalhar o conteúdo configuração de mãos como um dos cinco parâmetros que compõe a Libras e que é determinante para o entendimento da estrutura linguística da mesma. Os professores que apresentam estes resultados são docentes de Libras que atuam no Núcleo de Formação Docente da Universidade Federal de Pernambuco nas turmas de Licenciatura em Pedagogia, Química, Física e Matemática. De acordo com a natureza do problema e objetivos propostos, esta pesquisa configura-se como uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo e de acordo com os procedimentos técnicos utilizados enquadra-se como um método de observação participante. A partir da descrição e sistematização da vivência em sala de aula e das reflexões realizadas percebeu-se que existe dificuldade dos alunos na articulação das mãos o que atribuímos ser consequência de um raciocínio que desconsidera a importância de detalhes tal qual direcionar o sinal; observamos que a superação desses obstáculos é possível através da colaboração e vivência com outros usuários de Libras que pode tornar a comunicação menos dificultosa e mais natural.

Palavras Chaves – Libras. Professor. Ensino de Língua. Ensino Superior.



Abstract

This paper is to think the teaching practice of LIBRAS' discipline in higher education as a matter of great educational importance and need to have their practice analyzed and systematized. Mainly because it has been more than a decade of recognition of Brazilian Sign Language and regulation of LIBRAS teaching in teacher training courses and in the course of speech therapy. This paper aims to bring the analysis about the practices and strategies to work with content configuration hands as one of the five parameters that make up the LIBRAS and that is critical to understanding the linguistic structure of it. The teachers who present these results teach LIBRAS in the Teacher Training Center of the Federal University of Pernambuco in classes Degree in Education, Chemistry, Physics and Mathematics. According to the nature of the problem and proposed targets, this research appears as a descriptive research of qualitative character and according to the technical procedures used is characterized as a participant observation method. From the description and systematization of experience in the classroom and the reflections made it was realized that it is difficult for students in the correct use of hands we attach be the result of a reasoning that ignores the importance of details such as to guide the signal; We noted that overcoming these obstacles is possible through the collaboration and experience with other Libras users who can make the communication less troublesome and more natural.

Tags – Libras. Teacher. Language Teaching. Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

A prática docente se apresenta como uma atividade complexa e desafiadora nos diferentes níveis educacionais. Em consonância com toda essa dinâmica, surge no cenário educacional nacional o professor de Libras que vêm atender a uma demanda legal que é de lecionar a disciplina de Libras nas instituições de nível superior. Em especial, nos cursos de licenciatura e de fonoaudiologia.¹ A respeito dessa legislação, Quadros (2005, p. 12) assim considera: “O dito normal não mais configura a realidade, uma vez que a normalidade passa a ser relativizada perante os diferentes grupos sociais e culturais”

Esse profissional adentra nos cursos de formação de professores com o objetivo de dar conta de uma demanda urgente que é fazer com que esses estudantes - que futuramente irão atuar como docentes - possam sair da universidade com um conhecimento mínimo na língua de sinais brasileira e que possa atender estudantes surdos no contexto em que eles irão atuar.

¹ A presença desse profissional se dá pela regulamentação da lei 10.436/02 de 22 de abril de 2002 e pelo decreto 5.626/05 que regulamenta esta lei.



Este trabalho partiu inicialmente das inquietações e desafios sobre a prática docente dos professores de Libras que atuam no centro acadêmico do agreste na cidade de Caruaru e que lecionam nas licenciaturas em matemática, química, física e pedagogia deste centro. O perfil destes alunos segundo a observação dos pesquisadores é de educandos que não vivenciaram o aprendizado da Libras em sua formação básica seja no ensino público ou privado. Desta forma, os desafios de se ensinar um outro idioma se acentuam de maneira a fazer com que os docentes dessa disciplina analisem e reflitam quais as melhores estratégias de se trabalhar com esses estudantes.

No Brasil, com o novo Plano Nacional de Educação - PNE², enquanto projeto de lei sancionado e que regulamenta em algumas de suas metas um atendimento de fato inclusivo à estudantes surdos com vistas à uma melhor educação nas diferentes etapas da formação, voltando-se a se desenvolver práticas educativas que foquem na língua brasileira de sinais com o objetivo de uma melhor inclusão desses indivíduos nos espaços educacionais e que tenham essa língua respeitada enquanto instrumento de escolarização.

A partir dessa realidade, os professores de Libras no ensino superior têm um grande desafio que é formar professores que atendam essa demanda educacional preconizada pelo PNE e outras legislações pertinentes. Fazendo com que, essa ação docente tenha relevância na formação dos licenciados que vivenciam a disciplina de Libras em cada curso de formação de professor.

2 DESENVOLVIMENTO

O fenômeno de se ensinar Libras no nível superior é no mínimo desafiador se pensarmos nas especificidades que compõem o trabalhar de um idioma que apresenta uma estrutura visual-espacial que na verdade, não contempla a experiência oral dos licenciandos do CAA.

² A partir da Lei nº 13.005/2014, é um instrumento de planejamento do nosso Estado democrático de direito que orienta a execução e o aprimoramento de políticas públicas para o sistema educacional brasileiro para os próximos dez anos.



Este contexto favorece o reconhecimento do outro, alargando a convivência entre pares e instituindo um novo modelo social de interação com as diferenças, nas escolas e na comunidade (SKLIAR, 1998; DIAS et. al., 1999; TARTUCI, 2004).

Esse trabalho vem trazer inicialmente o desafio de se ensinar Libras em classes de estudantes ouvintes que se deparam com a Libras como segunda língua, ou seja, L2 tendo a disciplina ministrada por dois professores autores desse artigo sendo: um professor ouvinte e um professor surdo. Esse processo se apresenta como um desafio de ambas as partes, pois é através do retorno do ponto de vista dialógico que o professor poderá rever as suas estratégias e práticas de ensino no trato com esses estudantes.

3 METODOLOGIA

De acordo com a natureza do problema e objetivos propostos, este estudo configura-se como pesquisa descritiva de caráter qualitativo uma vez que “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Nessa técnica de pesquisa qualitativa, os investigadores imergem no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam. Lüdke e André (1986).

Atualmente é importante repensar em metodologias efetivas que propiciem momentos de contextualização da Libras para ouvintes enquanto L2 – Segunda língua. Possibilidades de laboratório de Libras para produção de material, grupos de estudo e discussão sobre diversas temáticas;

De acordo com os procedimentos técnicos utilizados, a presente pesquisa enquadra-se como um método de observação participante. Implementado na análise da prática docente de um professor surdo e um professor ouvinte acerca do aprendizado dos estudantes de Libras em relação de problemática: *A dificuldade dos estudantes de Libras na apropriação de um dos cinco parâmetros da Libras: “Configuração de Mãos”*.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A pesquisa de docente surdo foi realizada com estudantes do segundo período de Licenciatura em Química do semestre 2015.1 com 40 alunos e em Física do quarto período com 20 alunos em turnos distintos em relação ao do docente ouvinte, foi realizado com estudantes do segundo período de Licenciatura em Matemática do semestre 2015.1 com 42 alunos e em Pedagogia no nono período com 29 alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os principais desafios (ou obstáculos) observados, destacamos as dificuldades apresentadas nas configurações de mãos que fazem parte dos parâmetros da Libras que foram de diferenciar as letras do alfabeto e a confusão entre os números “ordinais” e “cardinais” na Libras na questão de quantidade e do código de representativo.

Segundo observações do docente surdo, pode-se perceber vários aspectos. O primeiro, seria que os alunos encontram dificuldade em diferenciar as letras do alfabeto como por exemplo a letra “F” da letra “T”, a letra “G” da letra “Q”, as semelhanças das letras “H”, “K” e “P”. Eles sentem dificuldade e se confundem muito na articulação dessas configurações segundo o que tem observado. Ocasionalmente assim, muita confusão.

O segundo aspecto a ser observado foi a confusão entre os números “ordinais” e “cardinais” na Libras na questão de quantidade e do código de representativo. Ou seja, configurações que são articuladas com os numerais ou quantificadores no caso do número 200, ou ainda a questão da hora como nos exemplos “2:20” ou “1:20” que gera uma série de dúvidas pelos estudantes. Essa confusão é percebida em outros numerais que representam quantidade ou que simplesmente apresenta o número como é o caso de 100, 200 ou 300 na representação do numeral com os dedos “em pé” ou “deitado”. Os alunos sempre buscam uma explicação sobre essas regras. O professor sempre pedia para que os discentes praticassem as devidas regras explicando que faziam parte da forma como os surdos articulam esses sinais. Assim, era diferenciado o próprio raciocínio na configuração do número em Libras da estratégia utilizada para referenciar os números na língua portuguesa.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em relação ao terceiro aspecto, sempre é pedido aos alunos que prestem atenção aos sinais executados pelo docente para aprenderem a Libras. Mas, percebo que muitos estudantes ficam parados e não articulam o sinal de maneira devida.

O quarto aspecto refere-se ao contexto do aprendizado do sinal onde, ele o estudante aprende o sinal mas troca as configurações de mãos por outra. O docente observou que os alunos conseguem assimilar os outros quatro parâmetros da Libras como movimento, expressão facial e corporal, locação e direcionalidade mas existe uma falha em relação as configurações de mãos.

E o quinto aspecto, percebe que um aluno também tinha dificuldade em articular as extremidades dos dedos para fazer o sinal por que não estava acostumado com a Libras e sim, oralizava desde criança e isso dificultou o processo. Outra situação é que alguns não conseguem articular a configuração de mãos em “M”, pois sempre acaba colocando mais um dedo desnecessário. Mesmo assim, foi avisado que pode-se inicialmente pois o importante na realidade é o contexto. Ainda outra aluna executou também a mesma configuração trocando os dedos. É interessante destacar que esses alunos que não se dão conta do que estão fazendo em relação a configuração de mãos errada, são chamados a atenção pelos próprios colegas do lado no sentido de ajuda-los a “consertar” ou arrumar esse sinal. Visto que, em outros momentos da aula o docente orientou que se qualquer aluno perceber uma falha na execução do sinal por seu colega, pode chamar a atenção e ajuda-lo. Com isto, em muitos momentos o professor pode estar em um ângulo diferente dos alunos, e eles não percebem a posição correta dos dedos. O aluno que está na frente pode não perceber enquanto o que está ao lado percebe e manda avisar aos colegas que estão executando a configuração de mãos de outra forma. Então o aspecto do ângulo é muito importante e sempre é aconselhado a interação entre eles.

Agora, segundo o docente ouvinte pelas observações registradas e os diferentes aspectos, podemos elencar alguns pontos importantes. O primeiro ponto é que muitos alunos apresentaram falta de mobilidade em demonstrar o sinal com a configuração de mãos correta.

O segundo ponto foi que durante aula dos numerais, os alunos se confundiam com a configuração do numeral “1” ou então da lógica pela representação do numeral 10 ou 100 ou



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1.000 (No caso do número 1.000 eles pensam que só é colocar o número “0” por 3x). O terceiro ponto, remete a questão que os alunos apresentaram resistência em aprender Libras sem usar a língua materna. No caso, o português.

O terceiro aspecto: a configuração de mãos por ser uma unidade mínima de um sinal em Libras requer estratégias do professor de explicar o uso dessas configurações na formação do sinal.

E o quarto aspecto no ensino da Libras, fazendo o uso das configurações de mãos de forma ASSOCIATIVA com sinais que apresentam a mesma configuração, têm mostrado bons resultados.

Aproveitar os horários de descanso, lanches e cafezinho para criar um momento descontraído para a interação e comunicação utilizando a Libras de uma forma mais lúdica e interessante, incluindo o uso de aplicativo de internet para troca de mensagens, fotos e vídeos que podem ser divulgadas pelo grupo, aumentando o entusiasmo pela língua. Neste caso o professor pode fazer uma filmagem com alguns sinais de Libras e suas traduções, depois cada um do grupo poderá fazer o mesmo e esta troca de vídeos e sinais através do celular estimula e faz crescer o interesse e aplicação da Libras entre eles. O uso de materiais didáticos e imagéticos (segundo dicionário Aurélio, “que se exprime por meio de imagens”) para o processo do ensino de Libras é determinante para o sucesso do seu aprendizado; segundo Gesser (2000) acentua essa questão:

“É bem possível que cada aluno ouvinte demonstre, em maior ou menor grau, dificuldades na habilidade de compreensão visual dos sinais. Por isso é importante que você, professor, fique atento a essas e outras características para poder criar uma zona de conforto para o aluno. Uma alternativa é desenvolver estratégias e técnicas para minimizar o estranhamento do aprendiz com a língua-alvo” (GESSER, 2000).”

É importante observar que esta metodologia poderá ser utilizada inclusive por todos os interessados no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais – Libras e em todas as áreas de ensino que se façam necessárias, independentemente da atuação da pessoa motivada neste aprendizado, sendo ele aluno, professor, servidor, colaborador ou outro cargo dentro da universidade. Inclui-se nesta relação os atuais professores que estão preocupados e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

interessados em aprender Libras com a intenção de poder melhor se comunicar com possíveis futuros alunos surdos utilizando-se de sinais específicos em sua disciplina.

Analisamos que há sentido nisso nesta reflexão nas dificuldades abaixo apresentadas entre docente surdo e docente ouvinte:

Segundo o docente surdo, os discentes necessitam praticar para que docente possa observar os sinais articulados pelos mesmos e ajudar. Só que, muitos fazem o sinal de forma errada como por exemplo no sinal de “trabalhar” onde a direção do sinal não é bem executada pelo discente. Sempre avisa a eles que a prática deve ser constante. Mas a principal dificuldade é que os alunos só copiam e não aprendem e memorizam. Não se concentram com os sinais executados pelo professor e só fazem copiar. Quando pede para discentes repetirem, eles ficam desconcertados e dizem “esqueci professor...” Não pode somente copiar sem aprender. É preciso que o aluno se encontre na execução do sinal e entenda a configuração certa para executar bem o sinal. Pensando da seguinte forma: “Eu lembro do que o professor falou...”. É fato que alguns copiam. Porém, têm muitos alunos que articulam o sinal de maneira correta e aprendem. A explicação para essa dificuldade pode vir da não compreensão (ou não haver o hábito) de que o detalhe referente a direção do sinal modifica completamente o sentido semelhante ao que na língua falada corresponde a trocar uma palavra em uma sentença situação em que ela deixa de ter o significado desejado.

Refere-se ao contexto do aprendizado do sinal onde, ele o estudante aprende o sinal mas troca as configurações de mãos por outra. Por exemplo, quando eles vão articular o sinal “EXEMPLO”, eles esquecem e omitem o dedo mínimo, assim eles estão fazendo o sinal “AINDA”. Já que, eles pensam que esse pequeno detalhe é besteira e que não vai influenciar em nada na execução do sinal. Eu tenho avisado que não é bem assim... Pois, eu explico aos mesmos que o retirar de um único dedo, que para eles parecem uma besteira, pode implicar no significado de outro sinal.

Os discentes não estão acostumados com a Libras e sim, oralizava desde criança e isso dificultaram o processo.

Quando surgem as dificuldades de “F” e “T”, por exemplo inicio uma aula específica para fortalecer a diferença entre estas letras. Peço que escolham apenas palavras para serem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

soletradas com a letra “F”; cada aluno deverá pensar em uma palavra começando com esta letra e deverá soletra-la com Libras, mas só a letra “F”, Na aula seguinte, uso a mesma técnica com a letra “T”, só palavras iniciando com esta letra. Em um outro momento faço perguntas que terão como resposta uma determinada palavra que inicie com “F” ou “T”, e assim eles terão maior facilidade em usar o sinal correto da letra em referência. Faço assim também com as outras letras que causam dúvidas e/ou confusão, como as citadas “G” / “Q” e “H” / “K” / “P”.

Embora segundo docente ouvinte, os relatos de resultados foram vários aspectos a seguir: Foi interessante demonstrar a partir de uma construção do conceito linguístico a importância da “configuração de mãos” como parte determinante e como ação de realizar bem esta configuração para que o sinal possa ser construído de forma correta.

Trabalhar um “glossário” de sinais a partir das configurações de mãos em Libras com o uso de placas e postagens em redes sociais facilitou a procura de sinais em dicionários e aplicativos de Libras pelos alunos.

Conceituar a questão das configurações fazendo associações com as unidades mínimas da língua portuguesa no nível fonológico, percebi que os alunos compreendiam melhor a formação da língua de sinais.

Fazendo o uso de dinâmicas que falavam de sinais diferentes de acordo com a oposição de configuração com o objetivo de demonstrar que o sentido muda totalmente quando mudamos as configurações de mãos. Foi determinante para eles entenderem que é importante atentar para uma boa projeção das mãos ao realizar os sinais.

5 CONCLUSÃO

A gramática de Libras e seus parâmetros devem ser difundidos e aprimorados assim como fazemos com o Português, pois ambas são línguas importantes. Já que somos professores de Libras temos mais facilidade de identificar os problemas e irmos em busca de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estratégias para melhorar a metodologia para ensinar os alunos do Centro Acadêmico do Agreste – CAA, compreender as dificuldades e hábitos dos alunos que porventura possam dificultar seu aprendizado. À medida que a Libras se torna mais conhecida e interessante, também se tornará mais habitual entre eles, estamos no início de um grande processo para melhorar o convívio e interação entre todos. Pessoas surdas tem a Libras como sua primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2), com os ouvintes acontece o contrário, o português (L1) podendo ter a Libras como (L2). Assim como o professor surdo, que tem algumas barreiras em português, mas que se esforça para uma boa comunicação encontramos agora limitações de pessoas ouvintes para aprenderem Libras, porém em ambos os casos basta apenas que haja empenho e dedicação e conseqüentemente melhora na comunicação entre todos. Os professores de Libras procuram estratégias e metodologias para ensinar esta língua para alunos, mas sentem falta de uma maior interação com os outros professores, técnicos e coordenadores também. Felizmente encontramos, até o momento, um grande e verdadeiro interesse em um crescente número de pessoas que interagem com os professores de Libras, que querem, desejam e realmente sentem necessidade em aprender Libras para interagirem de forma mais profunda com as pessoas surdas, e poderem trocar suas verdadeiras experiências e conhecimentos mútuos. Estas apreciações e soluções facilitarão bastante as próximas turmas que iniciarem a Libras.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em:
<http://www.mec.gov.br/legis/pdf/lei10436.pdf>



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BRASIL, Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/lei10436.pdf>

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda** / Audrei Gesser; [prefácio de Pedro M.Garcez]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2002

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

QUADROS, R. M. de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos** / Ronice Muller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças. Estudos surdos em educação problematizando a normalidade**. Porto Alegre: Mediação, 1998.